ESPAÇOS VIRTUAIS, REDES ELETRÔNICAS E O CAMPO DOS SABERES EM ANTROPOLOGIA

Ana Luiza Carvalho da **Rocha**

Introdução

A complexidade das formas de conhecimento em Antropologia, para além da problemática da era pós-moderna e do aparecimento da etnografia experimental, adquire um sentido novo quando confrontada com novas tecnologias da inteligência e suas formas mais integrativas, criativas e interativas de geração de conhecimento seja enquanto veículo de disseminação da cultura contemporânea seja na ação compreensiva dos tempos e dos espaços sociais daí decorrentes.

Em parte, a incorporação de novas tecnologias no campo da produção científica das ciências humanas tem exposto o pesquisador à dinâmica cultural implícita que preside as leis e convenções adotadas em seu processo de conhecimento acerca do mundo contemporâneo. Em especial, os estudos que incorporam fotografia, cinema e vídeo na construção de novas narrativas etnográficas tem possibilitado uma reflexão mais sistemática acerca das técnicas como um dos elementos que participa do desenvolvimento das produções simbólicas humanas.

Sem dúvida há que dimensionar a incorporação das recentes descobertas em tecnologia virtual enquanto fenômeno que integra o trajeto que instituiu a própria ordem ontológica ou axiológica da estrutura do conhecimento humano desde seus primórdios, apoiando-se os estudos acerca das manifestações técnicas e estéticas no domínio das ciências humanas.

No caso particular da Antropologia, isto significa não a possibilidade do pesquisador empregar tais recursos advindos do desenvolvimento da técnica e da linguagem virtual como suporte-ilustração da argumentação de sua experiência “em campo” (como no caso do uso da linguagem analógica da fotografia) mas, principalmente, de aceitar o desafio

de gerar novas estruturas narrativas na produção de estudos etnográficos a partir da exploração de hipertextos que estão para além do texto alfabético (diagramas, esquemas, simulações, ideogramas, mensagens iconográficas ou filmicas).

Tomando-se como foco central o espaço de problemas do tratamento documental do patrimônio e memória no mundo contemporâneo à luz dos estudos sobre narrativas em história, das inter-relações entre nascimento da cultura escrita e a fundação racional do discurso científico, o que se propõe aqui é re-situar o tema da utilização de novas tecnologias no terreno da investigação antropológica e das encruzilhadas epistemológicas daí decorrentes, lugar de onde se descortina os horizontes de uma **cyberantropologia**.

O conhecimento por simulação na era da informática

Primeiro aspecto, refere-se as análises da dinâmica das culturas contemporâneas (sob a perspectiva das estruturas narrativas, das configurações imaginárias, formas simbólicas e quadros de pensamento) concebidas até o momento como paradigmáticas para o campo de conhecimento em Antropologia e o seu confronto com uma nova matriz de leitura da dinâmica cultural que incorpore as novas tecnologias geradas pela informática, onde a virtualidade como meta-linguagem e linguagem-objeto desponta enquanto tropos do pensamento antropológico **na e da** contemporaneidade.

Veja-se aqui alguns aspectos de tal problemática quando projetada nos estudos acerca do patrimônio etnológico e de políticas culturais no âmbito de Museus, Bibliotecas e Arquivos, onde as redes eletrônicas desafiam a que se pense as novas tecnologias do virtual enquanto simples informatização de acervos para fins de conservação e preservação documental, sem que vislumbre aí a controvérsia entre a escrita e memória virtual no campo da linguagem e das técnicas humanas.

A transposição da oralidade primária à civilização da escrita, do homem cuja mão formava palavras e pontuava discursos à civilização da imagem, a informática obriga cada vez mais o pesquisador interessado no estudo das formas de vida social presentes ao mundo contemporâneo a desenvolver formas mais integrativas e criativas de documentação,

recuperação, cruzamento e análise dos suportes materiais e documentais onde se depositam o patrimônio e memória das civilizações.

Assim, a incorporação de tecnologias oriundas da área da informática no campo da produção de saberes da Antropologia tem colocado o antropólogo frente a um dilema que origina-se no próprio fenômeno da disseminação descontínua da modernidade tecnológica no âmbito da configuração do objeto de conhecimento das ciências humanas.

Por um lado, a procura maior do passado cada vez mais próximo tem propiciado um acúmulo progressivo de documentos e registros históricos em instituições destinadas a tais fins, o que faz com que o antropólogo pesquisando o mundo do aqui-e-agora olhe o presente com o olhar de quem deseja registrá-lo, questionando o que deva ser visto como testemunho de sua época. Neste sentido, o avanço de uma “cultura objetiva” sobre uma “cultura subjetiva” tem obrigado progressivamente o cientista social interessado no tema da memória e do patrimônio a integrar o uso de novas tecnologias no âmbito do tratamento documental de seus estudos e pesquisas.

Por outro lado, revela-se aí um despreparo no usos de formas de produção e geração de conhecimento com base em tecnologias virtuais e o apego do antropólogo às ordens sociais tradicionais de produção de conhecimento que asseguram o caráter de “escritura” de seus estudos. Portanto, não por acaso, a pan-historização que acompanha o despertar do mundo pós-colonial ampliou a gravidade da ausência de investigação acerca da natureza da reflexão antropológica sob o ponto de vista do desencaixe das unidades de tempo-espço¹, no âmbito dos estudos da cultura. A falta de pesquisa no âmbito de novas tecnologias aplicadas área de patrimônio e da memória para além da informatização e o uso da imagem-analógica no tratamento documental remete, sem dúvida, ao papel da imagem-síntese na formulação do hipertexto informático e a virtualização da função cognitiva como parte dos jogos da memória humana.

Segundo ponto a destacar é que cada vez mais, as sociedades humanas se deslocam no tempo e complexificam-se gerando sua história. Desse modo, quanto mais o passado se

¹ Giddens, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo, UNESP, 1991, pp. 11-50.

condensa, mais se consolida na contemporaneidade a consciência desse tempo passado e mais se destaca, em nossas modernas sociedades industriais, a necessidade de conhecê-lo, de registrá-lo, resgatando-se e reconstituindo-se os signos culturais configuradores de identidades e pertencimentos de seus grupos urbanos.

Apesar do caráter veicular que preside as culturas contemporâneas, o fazer antropológico tem permanecido imune ao fenômeno do “desencaixe” do tempo e do espaço no que tange ao ritmo com o qual progride o seu campo de conhecimento. Mantendo-se aquém deste movimento e, de forma correlata, das consequências que a era da tecnologia virtual desencadeia na forma como se processa o conhecimento humno, o antropólogo tem submetido a realização do seu *métier* à virtualização da memória através da tecnologia da escrita como forma lapidar de organizar e comunicar suas experiências etnográficas em texto.

Neste sentido, pode-se observar que espírito “museológico” que orienta as ações culturais nas sociedades modernas, com sua insistência na consciência da história como progresso, tem atingido igualmente a configuração do *métier* do antropólogo se preocupado em demasia com a versão “realista” do passado dos acontecimentos investigados. Esquece-se aqui que a “exaltação da memória” através da escrita elimina a co-presença da mensagem e do seu contexto vivo uma vez que ela se processa “menos nos textos que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos rituais e nas festas”.²

Certamente, este fato tem lá seu mito de fundação. A busca obsessiva do pesquisador com os suportes materiais de uma identidade cultural local tem produzido efeitos nocivos nos processos de re-atualização da memória coletiva no âmbito dos Museus locais quase nunca pensados como lugares de produção e criação de memória, centro do interesse de uma coletividade em termos de apropriação de um *muthos*(mito) comum e de re-conhecimento de seus signos.

Entre a ausência da monumentalidade das estruturas espaciais de conjuntos arquitetônicos e urbanísticos das cidades modernas e o tratamento estático de conjuntos

²Le Goff, J. *Memória*. Madrid, Enciclopédia Enaiudi, 1984.

documentais em seus Centros de Documentação, Arquivos e Museus, a “reinvenção da tradição” no interior das formas de via social ³ que configuram o dia-a-dia das grandes metrópoles desafia os pesquisadores dedicados ao tema do patrimônio a repensarem antigas fórmulas de tratamento documental da memória coletiva integrando-as às tecnologias de simulação e ao potencial imemorial e anônimo dos moradores das cidades.

Ora, o desencaixe do tempo/espaço no mundo contemporâneo sugere, sem dúvida, que o formalismo conceptual das análises clássicas sobre patrimônio histórico e cultural e dos seus critérios arquivísticos devem ser revistos à luz dos estudos acerca do texto dinâmico que o ciberespaço permite recriar em comparação ao suporte estático da escrita.

Segue-se a tais constatações um vazio de pesquisas e estudos diferenciais acerca do uso de novas tecnologia intelectual (imagem ideográfica, imagem gráfica e imagem digital) no campo da formulação de propostas em educação patrimonial. Integrar aqui a imagem-síntese como cenário de exploração da virtualização da memória humana representa uma tentativa de investir em novas formas de conhecimento da vida social que dêem conta das mutações e transformações vividas pelas modernas sociedades industriais do país e de suas referências culturais de origem. ⁴

Memória e tradições locais na era da globalização

Não se pode ignorar que sob as contingências desta pan-historicização e do processo de globalização, o antropólogo presencia enquanto cidadão a ação dos meios de comunicação de massa junto a comunidades as mais diversificadas, transmitindo informações de outros pontos do planeta que se sobrepõem ao que acontece localmente. Tudo isto em uma infinidade de teias que se sobrepõem às outras, fazendo com que o antropólogo vivencie a evolução do mundo contemporâneo, “sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pela mídia” e da informática caminhe na

³Judy, P.H. *As memórias do social*. RJ, Forense Universtária, 1990.

⁴ Cf. Authier, M e Lévy, P. *Les arbres de connaissances*. La découverte, Paris, 1992.

direção “de um mundo acrescido de memórias coletivas”, onde a história estaria muito mais que antes ou recentemente, sob a pressão das memórias coletivas”.⁵

Desta forma, a criação de um pólo mediático-informático junto a Museus, Arquivos, Centros de Pesquisa e Laboratórios tem sido frequentemente pensada como forma do cidadão-usuário explorar igualmente novas formas de produção e composição de dados e de representações audiovisuais no tratamento e recuperação de informações que lhe são significativas, havendo uma preocupação progressiva com o emprego de “kits” de simulação, onde os conhecimentos acumulados pelas ciências humanas possam ser explorados empiricamente por simples usuários através de imagens eletrônicas.

Centrando no tema da Imagens e dos efeitos visuais, a tentativa tem sido de integrar, num mundo sob os efeitos das tensões global-local, distintos sistemas de documentação (Banco de Dados, Banco de Conhecimento, Banco de Imagens) tendo como fonte de pesquisa as formas sociais do tempo e do saber veiculadas pela tecnologia da informática e das redes eletrônicas. Aposta-se aqui na contribuição que os códigos informáticos possam fornecer, em termos da potencialização da informação, para a compreensão, por parte do pesquisador e do usuário, das experiências humanas no âmbito da recuperação e criação de memórias coletivas na sociedade contemporânea.

Assim, na era da informática, pode-se explorar o fato da imagem ser *locus* virtual onde os traços mnésicos dos eventos, objetos e relatos históricos são preservados e recebidos por seus usuários por meio de simulacro e de acordo com a recuperação de informações que tais imagens sugerem entre si, instauram-se aí importantes investigações acerca do projeto de preservação de um patrimônio múltiplo e gerador de diferenças identitárias ativas no mundo moderno.

No caso da organização de um conjunto documental oriundo das ciências sociais, pode-se explorar os caracteres internos do documento através dos jogos da memória de seus usuários, transformando o clássico suporte material da memória em suporte imagético que permitiria a reprodução e apropriação ilimitada de simulacros por parte do usuário, através

⁵ Le Goff, J. *Memoria e Historia*, Barcelona, Enciclopedia Einaudi, 1984, idem, pp. 44-45

da digitalização de dados e de registros históricos de base analógica, apostando nas múltiplas disrupções da função identitária dos modelos culturais adotados para o contexto do mundo contemporâneo.

A transformação de um acervo patrimonial (objetos, vestígios da cultura material, fragmentos visuais, textos históricos) em dados digitais capazes de atualizar o suporte material da memória de seus herdeiros urbanos poderá gerar uma mudança significativa não só na forma plástica com que tais dados/documentos são arrançados como conjunto de informações acervadas mas coloca ao pesquisador-usuário uma nova possibilidade de interação e apropriação dos códigos simbólicos de sua matriz disciplinar.⁶

Na base da proposta de criação de interfaces entre ciências humanas e as novas tecnologias da era da informática encontram-se os estudos cada vez mais em evidência em torno da dinâmica das interações e representações sociais *nas* e *das* culturas contemporâneas sob a perspectiva das comunidades virtuais, revelando-se aí a possibilidade do ambiente cognitivo gerador da produção de conhecimento em Antropologia ser re-situado em razão de suas tradições e paradigmas.

Isto significa que o esforço das ciências humanas em empregar formas mais integrativas, criativas e interativas de operar e recuperar a base de dados de suas coleções etnográficas, além de re-situar o tema específico do patrimônio e da memória no corpo de reflexões sobre as culturas contemporâneas, traz no seu bojo novas e agudas questões em torno do processo de criação e geração de novas formas/categorias de interpretação dos tempos e espaços sociais em Antropologia.

Retraçando o percurso da história cultural dos “lugares” da tecnologia intelectual no trajeto da conformação do mundo urbano contemporâneo, pode-se suspeitar que a virtualização da memória venha a se configurar como fundante dos quadros de um *cyberspace*,⁷ um dos “lugares” de apropriação e recriação do patrimônio da sociedade

⁶Yates, F. *L'art de la mémoire*. Gallimard, Paris, 1975.

⁷ Lévy, P. *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. La Découverte, Paris, 1994.

contemporanea. Assim, arquivos, as bibliotecas e os museus podem vir a se tornar espaços de criação virtual e de simulacros. Lugares monumentais como os antigos cemitérios ou as igrejas; lugares simbólicos onde se concentram as comemorações, as peregrinações, os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações, hiperespaços memoiriais cuja história estaria ligada a história da contemporaneidade.⁸

Manuscrito, imprensa e redes digitais: a mutação antropológica

Considerando-se que, na modernidade, o conhecimento das culturas humanas em nível planetário tomou, no século XX, “um volume tal que se tornou impossível pedir à memória individual (mesmo a do antropólogo) que recebesse o conteúdo de bibliotecas inteiras”,⁹ sem dúvida, que os *conhecimentos por simulação* recolocam sobre outro ângulo o tema do patrimônio e memória em Antropologia. Ao integrar, por exemplo, os recursos interativos de novas tecnologias às formas clássicas de tratamento documentais de valor histórico-etnográfico correlatos a matriz disciplinar da Antropologia se acresce de um novo desafio no sentido de compreender o protocolo da linguagem que funda seu campo de estudo.

Nesta perspectivam há que se recuperar a forma com que o advento da impressão alterou significativamente o modo de transmissão do conhecimento no Ocidente moderno sem esquecer que, para a proto-história das ciências humanas, isso representou o surgimento de novas formas de registros, documentação e análise dos fatos da vida social. Iniciada em fins do séc. XVIII, a mutação antropológica que significa hoje o advento da informática e as atuais redes digitais remonta, portanto, nos termos de uma ecologia cognitiva, ao surgimento da técnica de impressão de cujo ambiente cognitivo é tributária ainda hoje as ciências sociais e a própria Antropologia.¹⁰

Com o surgimento da impressão, observou-se, nas produções de textos escritos, uma mutação das formas intelectuais através das quais se processava o conhecimento do

⁸ Le Goff, J. *Memoria...*, *op cit.*

⁹ Cf. Leroi-Gourhan. *La Geste et la Parole*, *op.cit.*

¹⁰ A propósito, ver Goody, J. *La rasion graphique: la domestication de la pensée sauvage*. Minuit, Paris, 1979.

social, em particular, no âmbito das produções teóricas no domínio da ciência ocorre, na forma de exposição de argumentos, o predomínio da prosa escrita sob a antiga prosa oral.¹¹

Impossível deixar de se ressaltar aqui que o predomínio da prosa escrita é tributário do longo percurso que propiciou o surgimento da escrita ideográfica no neolítico, enquanto tecnologia intelectual baseada na mnemotécnica da oralidade primária, tem sido freqüentemente associada ao trajeto antropológico da história cultural que hominiza o homem. Conforme alguns autores, dos ideogramas à forma dos antigos manuscritos, a forma narrativa alterou-se ajustando-se a oralidade dos cantos, dos mitos e das palavras às circunstâncias de uma civilização da escrita.¹²

Prosseguindo nos estudos acerca da criação de novas modalidades de conhecimento, o aparecimento da comunicação escrita vem associado ao nascimento das grandes civilizações agrícolas da Antigüidade, sendo que o advento do alfabeto, da caligrafia e da impressão revelaram, aos olhos dos arqueólogos e antropólogos, a presença de novas formas das sociedades humanas operarem a transmissão de saberes ao atribuírem o surgimento de novas tecnologias intelectuais às novas modalidades simbólicas de controle do tempo.¹³

Assim, não é de todo precipitado se pensar na forma como o advento da imprensa rompe com os elos tradicionais criados pelas sociedades humanas entre transmissão oral do conhecimento e a escrita do manuscrito ao possibilitar aquele que dela se utiliza a recombinação e associações de idéias numa rede de textos incomparavelmente mais ampla que os antigos manuscritos.

Seguindo-se tal linha de argumentação, pode-se ressaltar que o surgimento das técnicas de impressão está intimamente ligado à difusão do método de exposição analítico tão propagado por Descartes. A técnica da impressão possibilita modelar o conhecimento do social às “apresentações sistemáticas de uma matéria especializada, dividida de acordo com um plano coerente” e apoiando-se em suas interfaces (“paginação regular, sumários,

¹¹ Cf. Levy, P *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

¹² Cf. Lafont, H. *Anthropologie de l'écriture*. CCI, Centre George Pompidou, 1984 e Goody, J. *La logique de l'écriture: aux origines des sociétés humaines*. Armand Colin, Paris, 1984..

¹³ Ver Havelock, E. *Aux origines de la civilisation écrite en Occident*. Maspero, Paris, 1981.

cabeçalhos aparentes, índice, uso freqüente de tabelas, esquemas e diagramas”), em oposição ao método escolástico, que imitava os métodos de transmissão oral (perguntas e respostas, discussões contra ou a favor).¹⁴

Ora, isto tem repercussões quando se pensa, neste contexto, a escritura antropológica. ou quando se observa que nas velhas redes de signos tecida pela escrita do antropólogo e impressa em moldes monográficos em sua antiga máquina de escrever (em substituição as suas anotações manuscritas), o tempo aparece cada vez mais linear e histórico, apresentando-se a vida quotidiana dos “nativos” e a sua experiência em campo como verdades independente dos sujeitos em interação. Só assim, graças a tecnologia da impressão a complexa temporal que envolve o diálogo entre pesquisador e nativo se torna reproduzível e, assim, ascende ao lugar de objeto suscetível de análise e exame científico.¹⁵

Não é por acaso que o desafio maior que se apresenta para a Antropologia tenha se concentrado na forma como o etnógrafo pode desembaraçar-se dos signos e sistemas exteriores de valores do discurso científico na configuração de sua narrativa compreensiva do outro, e menos nas tecnologias da inteligência e seus quadros de pensamento correlatos sob as quais se expressa a ciência antropológica.

Da igual modo, não é ao azar que pouco se tem investido no estudo das heranças que a escritura “realista” em Antropologia no que tange a forma como este campo de produção de saberes registra, armazena e dissemina as suas informações com base num método de exposição analítico. Ambos os problema tem desafiado os antropólogos pós-modernos, sem que se tenha problematizado a narrativa “realista” em Antropologia esse tema à luz dos estudos da ecologia cognitiva¹⁶.

Tecnologias da inteligência, a escritura etnográfica e o “moderno primitivo”

¹⁴ Cf. Serres, M. *Atlas*, Julliard, Paris, 1994.

¹⁵ Ver os comentários contidos na obra de Cardoso de Oliveira, R. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro, tempo Brasileiro, 1988.

¹⁶ Ver, a respeito, as obras de Basteson, G. *Vers une écologie de l'esprit*. Seuil, Paris, 1977 e *La Nature et la Pensée*. Seuil, Paris, 1984.

A Antropologia de hoje e de antigamente não foge, nas formas como constrói seu conhecimento, ao processo desencadeado com a civilização da escrita mesmo quando investiga culturas e povos pertencentes a uma cultura oral. Dos antigos manuscritos, a Antropologia guarda a sua devoção ao diário de campo e ao método etno-gráfico que segue sendo, salvo as querelas dos pós-modernos, ainda nos dias de hoje, tributário do ambiente cognitivo instaurado pela revolução neolítica e as primeiras civilizações históricas ao propagar a idéia de trans-crever o depoimento oral dos “nativos” nos termos do discurso racional da ciência.¹⁷

Neste ponto, quando mais recentemente a tradição hermenêutica problematiza a temporalidade histórica através do debate em torno da autoridade etnográfica. propondo o recurso a construção de monografias etnográficas em dialógicas, ela encontra-se ainda sob as amarras arcaicas do pensamento humano em seu dilema de nominar o mundo das coisas e sob prisma das eternas crises epistemológicas implantadas pela crise da modernidade e que re-orientam o ato de descrever e trans-crever uma cultura oral nos termos dos cânones da ciência antropológica.¹⁸

Apesar das amarras epistemológicas que perpetuam o saber antropológico no interior dos cânones da civilização da escrita, a presença de fragmentos de significação na obra etnográfica é seguidamente contraposta aos conteúdos da consciência daquele que a escreve em seu desejo de domesticar o tempo do pensamento numa narrativa adequada ao ambiente cognitivo singular do texto escrito. O tema recorrente, como colocam alguns autores filiados à sociologia figurativa,¹⁹ tem sido, assim, o desafio de, nos jogos de imagens criados pela narrativa da escrita etnográfica, recuperar a presença do sensível que desafia completamente a capacidade de inteligibilidade que o antropológo possa vir a desenvolver na forma como constrói o conhecimento das formas de vida social.

¹⁷ A respeito ver, por exemplo, Rosaldo, R. *Cultura y verdad, nueva propuesta de análisis social*. México, Grijalbo, 1989 e Casullo, N. (org) *El debate Modernidad Postmodernidad*. Buenos Aires, El Cielo pro Asalto, 1993.

¹⁸ Ver, por exemplo, Ricoeur, P. *Tempo e Narrativa*, Tomo I e II. São Paulo, Papirus, 1994.

¹⁹ Refiro-me aqui à linha seguida por Sansot, P e as suas obras *Poétique de la Ville*, Méridiens, Paris, 1988 e *Les Formes Sensibles de la Vie Sociale*. PUF, Paris, 1986, e as obras de Moles, A. *Labyrinthes du vécu, l'espace como matière d'actions*, Méridiens, Paris, 1982, Ledrut, P. *La forme et le sens dans la société*. Méridiens, Paris, 1984 e Hinnerz, H. *Explorer la Ville*. Editions Minuit, Paris, 1983.

Filiada ainda a uma certa tradição do manuscrito no trabalho de campo, entretanto, as modalidades de conhecimento em Antropologia, dentro dos padrões de uma cultura letrada e erudita, valem-se igualmente da impressão como tecnologia intelectual criada no Ocidente moderno para a transmissão de seus conhecimentos.²⁰

Distante de uma reflexão acerca da desterritorialização do texto possibilitada pela imagem-síntese e das redes digitais que se apresentam na contemporaneidade, a Antropologia tem ignorado até o momento formas sociais de transmissão de conhecimento que tem se desenvolvido a partir da tecnologia da informática que tendem a acentuar a possibilidade dos dispositivos de recepção e a germinação de representações discursivas e icônicas.²¹

Tradução, interfaces e redes de interfaces colocam o antropólogo, nos dias de hoje, frente ao universo digital e da desmaterialização da informação deveriam instiga-lo a pensar o conjunto de seus textos monográficos como hipertextos multimídia tecidos por mil memórias que seriam disseminados as coletividades com as quais conviveu, sem a preocupação excessiva de trair os documentos vivos acumulados por sua metalinguagem singular de cientista social.

Coleções etnográficas, redes digitais: a criação de “hipertextos” em Antropologia

Conforme pode se depreender do que se afirmou acima, a escrita e imprensa condicionaram a existência de formas de pensamento que tangenciaram, por sua vez, a história das formas de expressão nas ciências humanas, da filosofia ao direito. Correlata a essa constatação, ficaria a interrogação: A era das tecnologias virtuais e das redes digitais alteraria a figura antropológica do homem e as formas de aceder ao seu conhecimento humano? Haveria com a desterritorialização do texto e a desmaterialização da informação

²⁰ Por exemplo, a obra de Whitehead, A. N. *Aventures d'idées*. Le Cerf, Paris, 1993

²¹ Cf. Rheingold, H. *La réalité virtuelle*. Dunod, Paris, 1993 e Lévy, P. *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. La Découverte, Paris, 1994..

repercurssões significativas no “fazer” antropológico (e que hoje se fazem presentes na voz dos pós-modernos²²).

No que tange à obsessão mnemotécnica da civilização da escrita, e com o advento da imprensa, da fotografia, do cinema e do vídeo, pode-se suspeitar que tal complexificação do tratamento e armazenamento de informações sobre culturas e povos pode progressivamente desencadear na Antropologia um novo estilo cognitivo.²³

Acredita-se que esse campo disciplinar possa vir ultrapassar as formas de tratamento do *corpus* do passado das sociedades humanas como parte do ato de conservar, registrar e catalogar coleções, através da captação dos “fatos” etnográficos em imagens-analógicas (“por meio de seus suportes fotográficos, filmicos, videográficos) ocupando aí o registro visual apenas um papel de ilustração.

Ou seja, certamente se a imagem-simulacro vier a ocupar o centro das redes digitais na forma como se processam as produções científicas não será para que ela ser convidada a ocupar um lugar específico no corpo da antiga narrativa que tem como suporte a escrita, isto é, de demonstração visual da evolução linear dos argumentos apresentados em seqüências lógicas e objetivas de assertivas e argumentação que fundam a escritura etnográfica.²⁴ A imagem-texto fora do espaço-tempo da narrativa clássica e no interior da unidade de tempo sem lugar que caracteriza o cyber-space deverá desencadear, no campo da antropologia, uma reflexão profunda sobre o tema da virtualização da inteligência, a constituição do sujeito e do objeto na hipermodernidade.

Sem dúvida, as atuais redes digitais e suas interfaces vieram transformar esse panorama atribuindo à imagem-síntese um papel importante no processo de criação, comunicação e simulação de novos conhecimentos pelas novas e imprevisíveis conexões que podem transformar o seu uso e significado social. Assim, no campo da matriz disciplinar da Antropologia Visual a digitalização permite cada vez mais conectar num

²²Reynoso, C. (org.), *El surgimento de la Antropologia posmoderna* Mexico, Gedisa, 1991.

²³ France, C. “*Pour une anthropologie visuelle*”. In: Paris, *Cahiers de L'Homme*, 1979 e Heusch, L de. *Cinéma et sciences sociales: panorama du film ethnographique et sociologique*. Paris, Unesco, 1982.

²⁴ Rocha, A.L C da “Antropologia das Formas Sensíveis, entre o visível eo invisível a floração de símbolos”. In: *Horizontes Antropológicos*, Antropologia Visual, No 1, Ano 2, Porto Alegre, EDUFRGS, 1995.

mesmo tecido eletrônico o cinema, o vídeo, o jornalismo, a radiotelevisão, a edição, a música, as telecomunicações e a informática. Neste sentido, a codificação digital dos dados etnográficos colhidos em campo abre espaço para que se tematize, no corpo de novas tecnologias da inteligência, o estilo convencional da escritura etnográfica e o referente material das “notas” e “anotações de campo” antropólogo contraposto as novas formas de comunicação na era da “democratização da cultura”.

Do ponto de vista da “democratização da cultura”, as redes digitais, ao serem exploradas pelas ciências humanas abrigam a possibilidade de “armazenamento de informações” coletadas e analisadas (banco de dados, de imagens e de efeitos visuais, de conhecimentos), e que re-compostas em “bits”, tornam o suporte desse conhecimento extremamente móvel e maleável por estarem seus dados decompostos, indexados, ordenados, comentados e associados “no interior de hiperdocumentos multimídia”.

Desta forma, transformado em processos de seleção, recepção e tratamento de dados dos sons e das imagens, o conhecimento armazenado pela Antropologia pode ser recomposto e reconstituído em redes digitais, acabando por contribuir não apenas para a criação de novas formas de aprendizagens no campo da Antropologia visual e da Imagem no interior das instituições acadêmicas, mas também para a criação de novas possibilidades de acesso, apropriação e reinvenção das tradições dos grupos humanos acessadas por seus usuários.

Tal desafio de inserir os saberes científicos numa era da “democratização da cultura” não é, hoje, apenas tarefa que se impõe ao pesquisador das ciências sociais nos termos do estudo da civilização da imagem da qual o homem contemporâneo faz parte. Trata-se aqui de tarefa que se impõe ao antropólogo na sua busca entendimento do mundo contemporâneo, integrando a seu “mêtier” tecnologias intelectuais oriundas da informática (e do audiovisual) que passa a ser incorporada ao seu hábito mais do que milenar da escrita manuscrita.

Tendo como foco o tema da memória e da imaginação, ampliando-se e explorando-se o conjunto dos registros documentais etnográficos em suportes diferenciados (fotos,

vídeos, filme, etc.), amplia-se o campo da pesquisa e reflexão antropológica com a integração de novas tecnologias digitais no âmbito do “fazer antropológico”²⁵ fundamentado na dinâmica das redes eletrônicas e seus espaços de democratização da cultura..

Trata-se aqui não apenas de uma preocupação legítima com a preservação cultural dos objetos e dos costumes que configuram a vida urbana local através da informatização e da formação de bases de dados, mas de prosseguir no registro sistemático, em imagens visuais e sonoras, da dinâmica da produção da memória coletiva no cotidiano de seus habitantes como um dos eixos ordenadores de novas estruturas discursivas do texto etnográfico a serem transpostas para hipertextos multimídia.

Nesse domínio, a intenção é problematizar o lugar da etnografia e da etnologia no mundo contemporâneo retomando-se a idéia de explorar através de novas tecnologias aplicadas aos serviços não só do processamento eletrônico dos dados documentais, agilizando o processo de resgate de informações, mas da constituição de um espaço virtual de interação dos antropólogos com seus signos culturais em função dos diferentes usos que fazem de tais recursos tecnológicos.²⁶

A reconstrução do homem e as comunidades virtuais: Antropologia do cyberspace

A virtualização da informação por desconexão em relação a um meio particular implicou, na história da humanidade, a transformação do espaço-tempo ordinário das coletividades abrindo-as para novos meios de interação cognitiva.²⁷ Variabilidade de espaços e de temporalidade fazem parte desse processo em que registros e sistemas de transmissão (tradição oral, escrita, registro audio-visual, redes digitais) constroem diferentes ritmos e velocidades de integração social. O processo de tornar virtual um ato ou

²⁵ Cf. sugestões apresentadas por Loizos, P. na obra *Innovation in ethnographic film*. Chaicago, The University Chicago Press, 1993.

²⁶ Le Goff, J. op.cit., pp. 44-45

²⁷ Ver, a respeito, Ellul, J. *La Technique ou l'enjeu du siècle*. Armand Collinm Paris, 1954.

uma informação significa, portanto, que eles se tornam “não-presentes”, desterritorializando-se.

A narrativa clássica (oral), com o avanço da escrita e da imprensa foi confrontada com uma unidade de tempo sem lugar. O espaço-tempo clássico, com o avanço da tecnologia da informática e das redes eletrônicas (interações em tempo real, transmissões ao vivo, comunicação por correio eletrônico), tende a constranger os lugares “realistas” da memória ao confrontar os sujeitos modernos à ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada e massiva de informações.

O que se demanda hoje, portanto, é cada vez mais, por um lado, o estudo sistemático do conceito de virtualização da inteligência e da sua relação com o processo de hominização do homem e, por outro lado, o aprofundamento do tema da mutação contemporânea no plano das tecnologias da inteligência e que diz respeito à possibilidade do antropólogo fazer desta área de investigação tema e objeto de pesquisa.

Ao abraçar o tema da desmaterialização do virtualização do corpo, da escrita, da leitura, da inteligência a Antropologia coloca-se no centro do debate de um mundo de crescente complexidade, investe igualmente seja na possibilidade de investigar os universos de valores e de referência da sua matriz disciplinar, seja na possibilidade de criar novas formas de arranjo espaço-tempo na organização e armazenamento de documentos e objetos de valor histórico e etnográfico para seu campo de conhecimento.²⁸

Inicialmente, o estudo da exploração de recursos multimídia e de recursos das redes eletrônicas, rompendo com o “real” do fluxo discursivo espaço-temporal das tecnologias da escrita e da impressão, permite o ao antropólogo submergir nos territórios existenciais das práticas e valores culturais onde enraiza-se o seu métiêr, desafiando-o ao processo de universalização de um conhecimento ativo e pluridimensional que transforma a operação de produção de conhecimento acadêmica em eixo social da comunicação, de reapropriação de sentido e de redistribuição de signos culturais²⁹.

²⁸ Ver, a respeito, Ganascia, J-G. *L'ame machine. les enjeux de l'intelligence artificielle*. Seuil, Paris, 1990.

²⁹ Schank, R. *The cognitive computer*. Addison-Wesley Reading, Massachusetts, 1984.

O que se apresenta é a oportunidade de se investir numa pesquisa sistemática em torno da multiplicidade e do dinamismo da construção do conhecimento humano (incluindo aí a comunidade científica e seus objetos) tendo por eixo uma reflexão em torno da tecnologia intelectual oriunda das redes digitais e dos seus efeitos correlatos para a apropriação e recriação de memórias coletivas no mundo contemporâneo.

Da mesma forma, o estudo do espaço social criado através das interfaces de redes digitais, permitirá ao antropólogo não apenas desvendar o processo de sincronização de informações como substitutivo da antiga unidade de lugar do diálogo entre pesquisador/nativo, no caso de seus paradigmas e tradições, mas igualmente aprofundar o estudo das suas interconexões criadas no cyberspace enquanto parâmetro de unidade de tempo para seus estudos etnográficos em torno do mundo contemporâneo e das novas formas de sociabilidade coletiva daí decorrentes. Para operar, entretanto, com o tema da desterritorialização, da virtualização e desmaterialização como campo de pesquisa e realização de estudos etnográficos, a Antropologia do cyberspace exige que o antropólogo estabeleça a diferença entre a realização e a atualização como instantes de um processo de conhecimento.³⁰

Neste ponto, investigar a virtualidade da imagem digital, e não seu caráter analógico, não é simplesmente estudar as transformações do suporte material da informação entográfica numa realidade de conjunto possível (o que se nomina desrealização), mas deslocar o centro de gravidade ontológico do objeto antropológico em direção a outras coordenadas espaço-temporais. Ou seja, deslocar a reflexão antropológica rumo a uma interrogação acerca do tempo na contemporaneidade e da construção de uma resposta a uma questão particular vivida pelo etnógrafo na atualidade.³¹ Da mesma forma, aprofundar-se no estudo o caráter virtual da imagem digital, supõe que o etnólogo dedicado ao estudo sistemático do mundo contemporâneo possa transformar a atualidade inicial de sua vivência em campo, dado no tratamento analógico de seu conjunto de possíveis, em vetor de criação de conhecimento do social.

³⁰ Cf. Lévy, P. *L'idéographie dynamique vers une imagination artificielle?* Paris, La Découverte, 1991.

³¹ Ver, a respeito, Serres, M. *Statues*, François Bourin, Paris, 1987.

Neste ponto, a aceitação do ato de destruição, do desaparecimento e da decomposição como parte do processo de se resituar os “lugares da memória” da escrita na civilização humana é elemento provocador do processo da configuração de uma Antropologia do cyberspace, fundamentalmente quando se coloca o culto do antropólogo aos simulacros de um tempo passado passado ³² gerando uma falsa oposição entre a tradição de seus saberes e o estudo dos recursos tecnológicos de memória eletrônica como parte do arranjo das categorias espaço/tempo na prática antropológica.

³² Jeudy, H. *Memórias...*, op. cit.

Referências

- Authier, M e Lévy, P. *Les arbres de connaissances*. La découverte, Paris, 1992.
- Basteson, G. *Vers une écologie de l'esprit*. Seuil, Paris, 1977
- Basteson, G. *La Nature et la Pensée*. Seuil, Paris, 1984.
- Cardoso de Oliveira, R. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1988.
- Ellul, J. *La Technique ou l'enjeu du siècle*. Armand Collinm Paris, 1954.
- France, C. "Pour une anthropologie visuelle". In: Paris, *Cahiers de L'Homme*, 1979 e
- Heusch, L de. *Cinéma et sciences sociales: panorama du film ethnographique et sociologique*. Paris, Unesco, 1982.
- Ganascia, J-G. *L'ame machine. les enjeux de l'intelligence artificielle*. Seuil, Paris, 1990.
- Giddens, A. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo, UNESP, 1991.
- Goody, J. *La rasion graphique: la domestication de la pensée sauvage*. Minuit, Paris, 1979.
- Goody, J. *La lógica de l'écriture: aux origines des sociétés humaines*. Armand Colin, Paris, 1984..
- Havelock, E. *Aux origines de la civilistion écrite en Occident*. Maspero, Paris, 1981.
- Henerz, H. *Explorer la Ville*. Editions Minuit, Paris, 1983.
- Jeudy, P.H. *As memórias do social*. RJ, Forense Universtária, 1990.
- Lafont, H. *Anthropologie de l'écriture*. CCI, Centre George Pompidou, 1984
- Le Goff, J. *Memoria e Historia*, Barcelona, Enciclopedia Einaudi, 1984.
- Leroi-Gourhan. *La Geste et la Parole. Vol I e II*. Paris, Albin-Michel, .
- Lévy, P *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.
- Lévy, P. *L'idéographie dynamique vers une imagination artificielle?* Paris, La Découverte, 1991.
- Lévy, P. *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. La Découverte, Paris, 1994.
- Loizos, P. *Innovation in ethnographic film*. Chaicago, The University Chicago Press, 1993.
- Moles, A. *Labyrinthes du vécu, l'espace como matière d'actions*, Méridiens, Parais, 1982.
- Ledrut, P. *La forme et le sens dans la société*. Méridiens, Paris, 1984
- Reynoso, C. (org.), *El surgimento de la Antropologia posmoderna* Mexico, Gedisa, 1991.
- Rheingold, H. *La réalité virtuelle*. Dunod, Paris, 1993.
- Ricoeur, P. *Tempo e Narrativa*, Tomo I e II. São Paulo, Papirus, 1994.
- Rosaldo, R. *Cultura y verdad, nueva propuesta de análisis social*. México, Grijalbo, 1989 e
- Casullo, N. (org) *El debate Modernidad Postmodernidad*. Buenos Aires, El Cielo pro Asalto, 1993.
- Sansot, P *Poétique de la Ville*, Méridiens, Paris, 1988 .
- Sansot, P *Les Formes Sensibles de la Vie Sociale*. PUF, Paris, 1986.
- Schank, R. *The cognitive computer*. Addisson-Weslwy Reading, Massachusetts, 1984.
- Serres, M. *Statues*, François Bourin, Paris, 1987.
- Serres, M. *Atlas*, Julliard, Paris, 1994.
- Whitehead, A. N. *Aventures d'idées*. Le Cerf, Paris, 1993
- Yates, F. *L'art de la mémoire*. Gallimard, Paris, 1975.